Sabado 24 de octubre

Sala 1

19 30 a 21 30

**La escucha y el sujeto en las intervenciones en la comunidad**

Coordinadora: Isabel Mansione (APdeBA, AR)

Relatores: Renata B. Manica (SBPdePA, BR), Juan Solari (APA, AR)

Participantes: Eliane Marcellino da Silva (SBPRJ, BR), Maridel Canteli (SAP, AR), Cristina Oñate (AMPIEP, MX), Marcelo Viñar (APU, UY)  

--

**Participante**

**Eliane Marcellino**

**Subgrupo Escolas**

As diversas intervenções que os participantes de nosso Grupo de Estudos realizam no contexto escolar: Travesias, Ruedas de Conversa, Educreando, têm como pano de fundo o interesse de estender ao social o conhecimento psicanalítico, fortalecendo a rede de cuidados em saúde mental nas comunidades socialmente vulneráveis da América Latina. Além disso, temos como norte promover estudos e pesquisas que contemplem o entendimento da construção da subjetividade no mundo contemporâneo, em sua articulação indissociável do intrapsíquico com o intersubjetivo e o social, abordando as culturalidades e as outridades.

Um dos eixos de nossas intervenções se consolida em torno do contexto escolar. A escola desempenha um papel inestimável no que concerne ao processo de desenvolvimento socioemocional dos sujeitos. Crianças e adolescentes passam a maior parte do seu dia dentro da sala de aula e pelos corredores, circulando com professores, auxiliares e gestores. Pensando que são seres em desenvolvimento, grande parte do seu amadurecimento também tem lugar ali. Nesse espaço, aprendem muito mais do que conteúdos programáticos, mas aprendem a socializar, a esperar, a passar por um processo... de certa forma, aprendem os ritmos da vida, o solfejo da experiência.

A comunidade escolar é composta por uma rede complexa de relações cotidianas: os estudantes, seus professores, os gestores da escola, os auxiliares da equipe, a equipe técnica especializada, as famílias dos alunos, as comunidades a qual pertencem, a cidade onde vivem, o contexto político-social de cada país... Seja abordando a questão em um nível micro ou a partir de uma grande angular, nossas intervenções   
se dedicam a criar estratégias coletivas que possam mitigar os adoecimentos psíquicos que afligem a comunidade escolar, fortalecendo os vínculos entre corpo docente, alunos, famílias e a comunidade mais ampla.

Este trabalho nos permite multiplicar os efeitos de nossas intervenções psicanalíticas e disseminar um olhar e uma escuta que subjetivam as interações a partir de um exercício de respeito do ser mais desenvolvido para com o ser em desenvolvimento. Esse é o fundamento da liberdade de expressão e do exercício dos direitos humanos, que, se acionados por nossas ações e entendimentos, se torna um modelo de identificação.

Para isso, buscamos instalar espaços de confiança para que tais adoecimentos psíquicos se transformem em narrativas, abrindo a possibilidade de novas estratégias de enfrentamento da vulnerabilidade, compondo uma rede de reconhecimento inter-humano e cuidado mútuos. Na medida em que essas angústias são testemunhadas e acolhidas, elas podem ganhar outros destinos. Neste sentido, elegemos uma metodologia de **escuta ativa**.

A escuta ativa é uma escuta desempenhada na prática com os educadores, os estudantes e as famílias, cujo objetivo se consolida em torno dos cuidados de saúde coletiva. A escola tem que ser pensada no coletivo, em sua inserção na comunidade, em seu pertencimento à sociedade. As intervenções são desempenhadas em grupo. A troca grupal é um fator propulsor da elaboração psíquica individual: através de diferentes identificações e vínculos emocionais, o espaço grupal possibilita diferentes identificações, novas possibilidades de sociabilidade, trocas intersubjetivas.

Esta escuta inclui a capacidade do psicanalista receber o que escuta dentro de si, mesmo que no início não compreenda o seu significado, sem teorias que bloqueiem a escuta, ou privado de um quadro que lhe permita ler algo do que está a acontecer. É uma escuta com a concavidade necessária para acomodar processos em que o sofrimento marca o caminho do sujeito. A **escuta é ativa** porque se refere necessariamente à intervenção a partir de uma interpretação abrangente do contexto e do sujeito no contexto, mas ativa no sentido de eliminar preconceitos, entrando em contacto com a alteridade.

É uma questão de ouvir o que as pessoas sentem, o que pode estar no que os professores, alunos ou famílias dizem, tanto verbal como não verbalmente, no que silenciam, escondem, ou estão à vista, mas não são vistos. Esta escuta ativa requer não só treino psicanalítico sobre formas de capturar o inconsciente, mas também uma prática sobre os processos coletivos.

Uma escuta que propõe lidar de forma empática, acolhedora, que possa gerar pertencimento ao grupo, inclusao. Propomos lidar com diferentes graus de sofrimento de origem social, sem deixar de levar em consideração a singularidade de cada sujeito. Pensando sempre sobre a ideia da necessidade de constante expansão do conhecimento e métodos psicanalíticos, que possam ser levados extramuros, para fora de consultórios privados, configurando uma clínica com olhar social e político. Um olhar para populações vulneráveis.

Podemos pensar a escuta ativa como forma de lidar com as invisibilidades vividas pelos atores da comunidade escolar diante da violência estrutural e multidimensional que os afeta em diferentes níveis, especialmente àqueles que vivem em áreas socialmente mais vulneráveis.

**Em síntese:**

É uma escuta ativa.

É ouvir o que sentem, suas dores, sofrimentos e angústias.

É uma escuta que contém, acolhe e abriga o que não se compreende até compreender.

É uma escuta socialmente responsável, porque o interlocutor é uma comunidade.

É uma escuta que acompanha de perto, segue o discurso do outro, a sua forma de ler o que é um problema e o que não é.

É a escuta de um prestador de cuidados.

É a escuta dos alarmes, dos corpos, dos estados intersubjetivos.

É uma escuta que ouve o passado, o presente e o futuro.

É uma escuta que questiona, interroga, desafia, implica necessariamente um programa institucional e/ou projetos participativos.

É uma escuta que abre espaço a transformações.

Ouvir é aprender e ouvir ensina.

**Como sustentar a escuta ativa?**

Gostaríamos de enfatizar o quanto a escuta ativa em meios socioeconômicos desfavoráveis exige um trabalho de elaboração muito intenso e desgastante para os profissionais envolvidos nesses processos.Testemunhar os efeitos de laços sociais marcados pela crueldade consequente de organizações sociais perversas nos convoca a uma ação coletiva mais ampla.Na nossa experiência com educadores sentimos a necessidade de uma constante interlocução com os colegas envolvidos com essa atividade para que as ansiedades provocadas nessa interação possam encontrar pensabilidade e transformação.Do contrário ,o risco desta clínica é cair no assistencialismo desanimado e perdendo creatividade , contribuindo em nada para reativar a potencia inerente aos sujeitos envolvidos nesses processos.

Cabe destacar também a importância de podermos identificar as teorias implícitas sobre as origens do sofrimento emocional (tanto en nos quanto nos atores sociais) imposto pelos laços sociais .E dentro desta mesma linha de cuidado , estar atentos em manter uma postura mais humilde no sentido de compreender que a contribuição da psicanálise é apenas a de mais um dos saberes a ser oferecido para enfrentar problemas tão complexos.

No que se refere ao sujeito, não são apenas as pessoas, mas também os processos psíquicos e sociais grupais e transversais à formação dos grupos e à instituição. Trabalhamos para que o sujeito fortaleça uma comunicação onde a palavra recolhe a emocionalidade circulante, própria e do outro, no exercício dos direitos das crianças. O assunto é a cidade também? Porque toda a cidade educa

**Bibliografia**

- Bachelard, G. (1988). A poética do devaneio. São Paulo: Martins Fontes.

- Bezerra Jr., B. (2020). Quem sabe, a hora de mudar de jogo? In J. R. C. Neves (Org.), O mundo pós-pandemia: reflexões sobre uma nova vida (pp. 245-254). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.  
- Bion, W. R. (1975). Experiências com grupos (2ª ed., W. I. Oliveira, trad.). Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: EDUSP.  
- Butler, J. (2015). Notes toward a performative theory of assembly. Cambridge, EUA: Harvard University Press.  
**-** Danto Elizabeth: Psicoanalisis y justicia Social, E book, 2018, Amazon.es

- Equipe Travessia. (2019). PROPIS e Projeto Travessia: retratos de uma história de pertencimento institucional. Trieb, 1(1): 57-63.  
- Figueiredo, L. C. (2012). As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea. São Paulo: Escuta.  
- Figueiredo, L. C. (2014). Cuidado, saúde e cultura: trabalhos psíquicos e criatividade na situação analisante. São Paulo: Escuta.  
- Figueiredo, L. C. (2020). A virtualidade do dispositivo de trabalho psicanalítico e o atendimento remoto: uma reflexão em três partes. Cadernos de Psicanálise CPRJ, 42(42): 61-80. Recuperado a partir de <http://cprj.com.br/ojs_cprj/index.php/cprj/> article/view/210/155.  
- Furtos, J. (2012). La clinique psychosociale et la souffrance d’exclusion comme paradigmes des situations extremes. In V. Estellon & F. Marty (Orgs.), Cliniques de l’extrême (pp. 265-288). Paris: Armand Colin.  
**-** Galende Emiliano(1990) Psicoanálisis y salud mental, Editorial Paidos

- Huizinga, J. (2000). Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva.  
**-**Lewcowicz A., Keodann C., Lahude, D Maltz, F Goldstein, Secco L., e al (2018) Lacos sociais de amparo parentalidades em foco. Revista Brasilera de Psicoanalise,52(4),119/28

**-** Mansione I., Zac D., Temelini J.P. (2016) Caja de herramientas para la educación emocional, Noveduc, Argentina

**-** Mansione Isabe**l**(2004): Tensiones entre la formación y la práctica docente, la experiencia emocional del docente, Homo Sapiens, Rosario, Argentina

-Mansione Isabel Annamaria IMprota y equipo (2020) Emocionario, E book, ED Psiconline, Italia

- Ogden, T. (2013). Rêverie e interpretação: captando algo humano. São Paulo: Escuta.  
- Petit, M. (2009). A arte de ler ou como resistir à adversidade. São Paulo: 34.  
- Rivera, T. (2018). Subverter o cuidado: reflexões e ações entre arte e saúde. Revista Mesa, 5, s.p. Retrieved from <http://institutomesa.org/RevistaMesa_5/tania-rivera>  
- Rocha, M. T. N.; Lopes, M. T. S.; Vale, A. L. A. (2014). A dimensão traumática da exclusão social. Trieb, 48(2): 89-100.  
- Viñar, M. (2019). Experiencias psicoanalíticas en la actualidad sociocultural: cómo nos cambia un mundo que cambia. Argentina: Noveduc.  
- Winnicott, D. W. (1975). O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago.  
- Winnicott, D. W. (1994). Privação e delinquência (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1984).

Porto Alegre